

# Mito, História e Filosofia

## Ou a reflexão cultural na obra de Eduardo Lourenço

**Maria Manuel Baptista<sup>1</sup>**

*« (...) o mito (...) não é anti-história, mas tempo  
que confere à vida a pouca ou inesgotável eternidade que comporta»*

*Eduardo Lourenço, 1999*

A obra de Eduardo Lourenço tem ocupado um lugar peculiar no contexto da Cultura Portuguesa, sobretudo nas últimas três décadas, e, em particular desde a publicação de *O Labirinto da Saudade* (1978), poderíamos mesmo dizer central. Não é, no entanto, por culpa do autor que ela não tenha originado os estudos críticos e o debate cultural de que explícita ou implicitamente sempre quis ser o rastilho. Em nosso entender, as razões devemos antes procurá-las precisamente no panorama acrítico, celebratório ou indiferente, de onde parte e ao qual se dirige, e que o autor tão argutamente descreve nos seus ensaios. De qualquer forma, são diversos os problemas que a obra suscita, aos mais diversos níveis e que se encontram ainda por estudar e esclarecer. Na presente reflexão propomo-nos abordar as relações epistemológicas que na obra se estabelecem entre os registos conceptuais mítico, histórico e filosófico, especificamente quando a questão cultural é tratada pelo autor. Para o efeito, utilizaremos um dos textos-símbolo da obra («Psicanálise Mítica do Destino Português») que, aquando da sua publicação em 1978, deu origem a

---

<sup>1</sup> Em *Eduardo Lourenço - Estudos I*, Porto, Ver o Verso, 2006

algumas (pouquíssimas, se se tiver em conta a natureza e conteúdo polémicos do texto em questão) reflexões críticas e reservas epistemológicas, precisamente porque o registo hermenêutico em que funciona este ensaio se encontra algo obscurecido, até pela importância e brilhantismo do próprio conteúdo.

Em primeiro lugar, este ensaio suscitou críticas de João Benard da Costa e António José Saraiva e, que se pronunciaram sobre uma parte do ensaio que deveria sair, na revista *Raíz e Utopia*, como pré-publicação do texto que integraria *O Labirinto da Saudade*<sup>2</sup>. A verdade é que a pré-publicação torna-se em ‘pós-publicação’ (*O Labirinto da Saudade* acaba por sair antes da revista *Raíz e Utopia*<sup>3</sup>) e a Lourenço é solicitado que aproveite tal facto para responder, (nas próprias páginas de *Raíz e Utopia*) às críticas que imediatamente suscitou o seu livro.

Por essa altura produziu Eduardo Lourenço um dos dois textos que lhe conhecemos<sup>4</sup> cujo objectivo consiste principalmente no debate da sua própria *démarche epistemológica*. Intitulado «Contra o previsível *Post-Scriptum*», responde não só aos comentários de António José Saraiva mas também a João Benard da Costa, que fazem publicar as suas «Notas à Margem» de um excerto à «Psicanálise Mítica do Destino Português», tudo publicado ainda em 1978, na revista *Raíz e Utopia*<sup>5</sup>.

(...)

---

<sup>2</sup> Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade - Psicanálise Mítica do Destino Português*. Lisboa: D. Quixote, 1978 1ª.

<sup>3</sup> Eduardo Lourenço, “Psicanálise Mítica do Destino Português” (1978) *Raíz e Utopia* (1978): 2-14.

<sup>4</sup> O outro texto de que falamos é uma entrevista a que Eduardo Lourenço respondeu por escrito em (Lourenço, 1998)

<sup>5</sup> (Lourenço, 1978)

**Bibliografia:**

Lourenço, Eduardo. (1978). Psicanálise Mítica Do Destino Português. *Raiz e Utopia*, 2-14.

Lourenço, Eduardo. (1998). Eduardo Lourenço: 'a Perspectiva Sociológica Mais Comum Em Relação À Questão Da Identidade É Cega Porque O Indivíduo Não É O Seu Sujeito'. *Ciberkiosk* (3).